DO PENSAMENTO COMO CAIXA DE FERRAMENTAS: FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA E A BIOPOLÍTICA

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler[1]
Josiane Monteiro Maurício[2]

Resumo:A finalidade deste ensaio consiste em tensionar os efeitos de articulação entre o método arqueológico, à governamentalidade e a biopolítica a partir das contribuições do intelectual francês Michel Foucault. Em um primeiro momento, destacamos os motivos pelos quais Foucault empreende, no horizonte metodológico da arqueologia, uma crítica ao estatuto do sujeito do conhecimento a partir das experiências dos enunciados, bem como estabelece nessas leituras, os elementos de uma prática de resistência aos jogos de objetivação dos sujeitos pelas estratégias de saber. O segundo momento é dedicado a pensar a correlação entre governamentalidade e biopolítica enquanto práticas de gestão das condutas dos sujeitos desde a emergência da modernidade. Nossas considerações finais, procuram explorar nesse conjunto de problematizações as possíveis fissuras, ou melhor estratégias de resistências pensadas a partir da aplicabilidade desses conceitos compreendidos como caixa de ferramentas. Mais do que nunca, a operatividade do pensamento foucaultiano nos ensina que a existência é sinônimo de embate contra os dispositivos de assujeitamentos.

Palavras-chave: Michel Foucault; Caixa de Ferramentas; Arqueologia; Biopolítica.

Abstract: This pappe rto stress the effects of articulation between the archaeological method, governmentality and biopolitics from the contributions of the French intellectual Michel Foucault. At first, we high light there as nos why Foucault under takes, in the methodological horizon of archeology, a critique of the status of the subject of knowledge from the experiences of utterances, and establishes in the sereadings the elements of a practice of resistance to games of objectification of the subjects by the knowledg estrategies. The second moment is dedicated to thinking about the correlation between governmentality and biopolitics as practices for managing the behavior of subjects since the emergence of modernity. Our final considerations seek to explore in this set of problematizations the possible cracks, or better resistance strategies thought from the applicability of the seconcepts unders tood as tool boxes. More tha never, the operativity of Foucaultian thinking teachesus that existence is synonymo us with clãs hing with subjection devices.

Keywords: Michel Foucault; Tool box; Archeology; Biopolitics**.**

[1]Doutor em Filosofia pela UNISINOS. Professor Titular da FURB. Email: diazsoler@gmail.com.
[2]Psicóloga Especialista em Estudos da Linguagem pela UFSC. Mestranda em Educação pela FURB.Email: monteiro.josiane.mauricio@gmail.com

Introdução

Quais as possíveis correlações entre a arqueologia, à governamentalidade e a biopolítica no pensamento foucaultiano? É em torno dessa questão, que procurarmos explorar, no presente ensaio, as possíveis condições de possibilidades para situarmos as condições de possibilidades desse método desenvolvido pelo intelectual francês, sobretudo nos trabalhos provenientes dos anos 60, ao problema da gestão da vida e dos dispositivos de governo das condutas das quais a biopolítica e à governamentalidade são debitarias.

Desse modo, em um primeiro momento procuraremos pensar as possíveis articulações da crítica foucaultiana em torno do estatuto do sujeito na modernidade, sobretudo a partir da estruturação do conceito de enunciado como regulador dos jogos de objetivação do sujeito presentes na positividade das ciências humanas. Ou seja, trata-se de reconhecer, na problematização arqueológica dos sistemas de pensamento um sentido político para as linhas de fuga e estratégias de resistências.

O segundo momento desse trabalho consistirá em pensar os desdobramentos da noção de governamentalidade, e sua constituição de uma curvatura ético-política a qual o conceito de biopolítica faz parte. Como em uma espécie de caleidoscópio, a gestão da vida passa a ser tarefa primordial dos dispositivos de poder, das estratégias de saber e dos processos de subjetivação no nosso tempo presente. Nesse sentido, é correto afirmarmos que a arqueologia não se afasta da governamentalidade e da biopolítica como problematização das possíveis fissuras presentes nas práticas de resistências. Esse conjunto de procedimentos deve ser lido na sua totalidade como a grande preocupação destacada por Foucault ao longo de sua trajetória intelectual e militante, qual seja, o de estabelecer os caminhos necessários para a sublevação de forças provenientes dos sujeitos que são atingidos pelas constantes estratégias de vigilância e controle sobre a vida. Fazer ver aquilo que vemos. Eis portanto, a grande aproximação entre essas ferramentas conceituais.

Um novo capítulo sobre o sujeito na Modernidade?

Ainda que, de maneira tímida, pode-se reconhecer, nas articulações promovidas por Foucault durante os anos 60, os elementos para uma compreensão micropolítica sobre os enunciados e os processos de subjetivação. A esse respeito argumenta Candiotto (2006) que a chamada *onda estruturalista* a qual Foucault fora influenciado, não cessa de pensar politicamente os desdobramentos do enunciado sobre a nossa sociedade. Se, como ele afirmara em *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 2008), a modernidade é a idade do

homem logo, o conceito de estrutura torna-se imprescindível para designar os elementos fundamentais presentes nos enunciados. Mas, que elementos são esses? Segundo Castelo Branco (2015), o mérito do método arqueológico pensado por Foucault foi o de sinalizar que: A) toda época é regida por uma estrutura de enunciados. B) esses enunciados ocupam um interstício entre os saberes e as experiências. C) os processos de transformação desses enunciados são objetos de estudo da arqueologia, no sentido de lhes fixar uma ordem política e histórica. D) nossa Modernidade é mercada pelo aparecimento da *figura do homem* como preocupação central para todas as ciências. E) por conta desse estatuto, emergem as ciências humanas, compreendidas por Foucault (2008), como saberes *nebulosos* compreensíveis tanto na relação entre o empírico-transcendental kantiano, quanto pelo tensionamento entre o *cogito* cartesiano e o *impensado* freudiano. F) A figura do homem encontra-se, a partir do estruturalismo em declínio tendendo a desaparecer como "(...) na orla do mar, um rosto desenhado na areia (FOUCAULT 2008, p. 536). "

Ora, o projeto de uma arqueologia dos sistemas de pensamento configura-se como uma descrição em torno das condições de possibilidades para a transformação dos enunciados em diferentes épocas. E, justamente por conta de tal característica, essa experiência distancia-se radicalmente da história das ideias – tão comuns as ciências modernas- apresentando-se como uma ferramenta dos arquivos, seus efeitos e seus regimes de verdades, pois:

> Foucault proclama a legitimidade de um projeto bem diferente: chegar a essa simples inscrição do que é dito enquanto positividade do *dictum*, o enunciado. A arqueologia "não tenta contornar as *performances* verbais para descobrir atrás delas ou sob sua superfície aparente um elemento oculto, um sentido secreto que se esconde nelas ou aparece através delas sem dizê-lo; e, entretanto, o enunciado não é imediatamente visível; não se dá de forma tão manifesta quanto uma estrutura gramatical ou lógica (mesmo quando esta não está inteiramente clara, mesmo quando é difícil de se elucidar). (DELEUZE, 2005, p. 27)

Aparentemente essa perturbadora constatação empreendida pela arqueologia foucaultiana pode conduzir-nos a mais absoluta decepção política e social. Já que a opção pelo estudo do enunciado como via de regra para uma problematização das chamadas *filosofias da consciência*, configura-se como uma opção do intelectual francês pela experiência anti-humanista a qual grande parte dos pensadores contemporâneos aderira a partir do final da Segunda Guerra Mundial, a partir do fracasso do Regime

Stalinista.[3]Entretanto, esse aparente desprezo pelo humanismo converge em uma possibilidade de compreensão do tempo presente a partir da constatação de que, o projeto arqueológico[4] é uma tentativa, por parte de Foucault (2006), em delimitar os tensionamentos entre as modalidades discursivas e seus efeitos nas práticas de poder a partir da objetivação do sujeito. Desdobra-se, por meio de tal procedimento, a condição política a qual os regimes de discursividades se inscrevem na nossa sociedade e que Foucault denuncia, com precisão já nas primeiras palavras de sua aula inaugural do *Collège de France* ao desejar

> (...) me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível (FOUCAULT, 1996, p. 05).

Justamente, por conta de tais aspectos, é que à arqueologia foucaultiana procede uma descrição sobre as condições de possibilidades dos desdobramentos dos enunciados – lidos por Foucault como regimes de discursividades – em diferentes épocas. Desse modo, ela é, ante de tudo, radicalmente oposta a uma história das ideias constituindo-se como uma ferramenta para uma problematização dos arquivos. Segundo aponta Veiga-Neto (2009), à arqueologia configura-se como uma *anti-epistemologia*, uma vez que, não interessa a Foucault pensar os caminhos necessários para uma diretriz das ciências, mas sim problematizar os modos pelos quais, os regimes de discursividades operam como acontecimentos da porosidade e da superfície presentes nos jogos de verdades.

Temos, portanto na arqueologia um sujeito assujeitado tomado como efeito desses regimes. Ou seja, para Foucault não há uma consciência universal que forma o sujeito – seja pela experiência, seja pela racionalidade inata – mas sim, jogos de captura que permitem aos enunciados de uma determinada época sustentar a sua visibilidade e aplicabilidade a partir de várias perspectivas. Economia, direito, psiquiatria, psicanálise, antropologia e psicologia,

[3]Pouco após a publicação de *As Palavras e as Coisas*, Foucault fora duramente atacado pelos representantes dessas filosofias da consciência. Dentre os quais podemos citar aqui Sartre (1968, p. 109), para quem Foucault: "(...) colocava-se como a última barreira que a burguesia pode levantar contra Marx. " Ou ainda o cineasta francês Jean-Luc Godard que, no filme *La Chinoise*faz questão de mencionar o proselitismo da geração estruturalista e chegando mesmo a afirmar em entrevistas posteriores que, fazia cinema justamente para atacar pessoas como o próprio Foucault.

[4]É curioso observarmos o fato de que, muitos comentadores do pensamento foucaultiano, se esquecem da relevância políticasuscitada pelo método arqueológico. Desde a publicação de *História da Loucura*, passando por *As Palavras e as Coisas* e *A Vontade de Saber*, interessa a Foucault explorar todos os contornos de uma crítica radical em torno das experiências dos regimes de discursividades aos quais somos assujeitados desde o nascimento da nossa Modernidade. Papel político e, não meramente, linguístico do discurso nos quais são tensionadas as estratégias de saber e as práticas de poder. É preciso reconhecer o mérito do intelectual italiano Giorgio Agamben nessa constatação ao desdobrar em todo o seu projeto intitulado *Homo Saccer* os efeitos do método genealógico para uma compreensão da biopolítica no nosso tempo presente. Ver mais detalhes em: Agamben, 2002, 2004, 2008, 2011a, 2011b,2013, 2014, 2017.

apresentam-se, por meio de tal leitura, como formas de saber responsáveis pela produção de verdades as quais ligam-se as experiências do normal e do patológico, do sujeito do iluminismo e dos monstros que promovem a quebra do Contrato Social.

Ao analisar toda sua trajetória intelectual Foucault (1995) acaba por sinalizar que o fio condutor que liga suas pesquisas, desde à arqueologia, gira sobre o problema do sujeito pensado como condição histórica a qual à arqueologia dos sistemas de pensamento promove a sua desconstrução no estatuto das ciências humanas para lança-lo no patamar das condições de possibilidades, isto é, promover o que ele mesmo chama no primeiro prefácio de *História da Loucura*de uma *arqueologia do silenciamento*(FOUCAULT, 2001)ou seja, quais vozes que foram sufocadas pelas experiências das estratégias de saber responsáveis pela produção das formas de subjetividades. Ou, como costuma afirmar Carmo (2009, p. 232).

> A luta contra a "soberania do 'eu penso'" da época clássica, a necessidade de sairmos de um "sono antropológico", assim como saímos do "sono dogmático", e a confirmação, cada vez mais presente, de uma estrutura inconsciente que rege nossas vidas e que o aproximou taxativamente do estruturalismo, são elementos que deflagraram e se expressaram melhor na crítica realizada ao humanismo e à identidade do sujeito, presentes em boa parte das entrevistas dos anos 60.

Desse modo, a crítica promovida pela arqueologia consiste em nos apresentar os elementos necessários para uma problematização das formas de subjetividades as quais somos assujeitados recusando e transgredindo toda forma de discurso própria aos contornos da consciência do sujeito, como também sua própria antropologia.

Governamentalidade, biopolítica e formas de exceção

Nos seus últimos anos de vida Foucault mostra-se inclinado a reconhecer, no interior da experiência kantiana da Modernidade um duplo efeito. Se, por um lado, o *chinês de Königsberg*– conforme o chamara Nietzsche –instituiu o método transcendental como critério para a filosofia da ciência, por outro lado, ele acabou por sinalizar as experiências de uma atitude limite da filosofia contra as arbitrariedades do poder.Conformeatesta Foucault

> Dito de outro modo, a partir de Kant, o papel da filosofia foi o de impedir a razão de ultrapassar os limites do que é dado na experiência, mas desde essa época – quer dizer, com o desenvolvimento dos Estados modernos e a organização política da sociedade -, o papel da filosofia foi também o de vigiar os abusos do poder da racionalidade política, o que lhe dá uma esperança de vida bastante promissora (FOUCAULT, 2017, p, 954).

Nesse atento processo de vigilância encontra-se a problematização foucaultiana em torno de uma *história política da governamentalidade*[5]compreendida como uma ferramenta imprescindível para a elaboração de uma analítica sobre os modos de governo e, suas políticas de gestão sobre a vida. Conforme aponta Senellart (1995), à governamentalidade emerge como a possibilidade de pensarmos os elementos de articulação entre a composição do poder pastoral, seu desdobramento em uma crescente razão de Estado até a formação das primeiras formas de biopolítica e modos de subjetivação duramente marcados tanto pelo liberalismo, quanto pelo neoliberalismo.

A governamentalidade é,portanto, um procedimento utilizado por Foucaultno sentido de ilustrar que, para além de disciplinar, vigiar e controlar, as práticas de poder estão sempre articuladas, por meio de diversas redes de distribuição muito mais pulverizadas e sofisticadas do que os dispositivos disciplinares. Mais do que o próprio poder, à governamentalidade indica que, as práticas refletidas de governo desenvolvidas desde o final do século XIV acabam por compor uma fina película de controle sobre as condutas dos indivíduos. Para Foucault (2011) governar não é somente impor uma vontade jurídica sobre um povo, mas sim uma arte, uma estratégia que se desdobra desde as práticas mais ínfimas até a própria totalidade do Estado. Governo como tensionamento de todas as formas de condutas possíveis. Governo das almas, governo das infâncias, governo da alimentação, governo da sexualidade, governo da consciência, governo da economia e tantos quanto forem possíveis. Acertadamente Candiotto (2008), entende a problemática da governamentalidade em Foucault como um caleidoscópio que percorre os horizontes da política e da ética enquanto categorias de tensionamento das práticas sociais.

Entretanto, de todas as formas assumidas da governamentalidade, a biopolítica assume um tom decisivo nas formas de gestão sobre a vida no contexto da nossa modernidade. Mas, a pergunta que permanece é: em que consiste essa biopolítica apresentada por Foucault? Em primeiro lugar, podemos dizer que a biopolítica emerge na estrutura do seu pensamento como um conceito descrito a partir de distintas aplicações políticas e, ao mesmo tempo, históricas. Isto é, em um primeiro momento Foucault (2015) percebe a biopolítica como uma prática correlativa a emergência das primeiras formas de medicina social. Já no curso *Il*

[5]Por *história política da governamentalidade* Foucault compreende a formação, na nossa sociedade de uma experiência de governo que liga, desde a emergência da pastoral da carne no cristianismo, as primeiras formas da razão de Estado modernas, até o nascimento da biopolítica. Na estrutura de toda essa relação encontra-se a tese foucaultiana de que, tanto quanto, a constituição de leis e de garantias jurídicas tradicionais à população deve ser conduzida a partir de distintas experiências que envolvem desde a ética, até os cuidados com a saúde, com a segurança e com a própria economia. Ver mais detalhes em: Foucault, 2011, 2012.

FautDéfendre la Societé Foucault (1997), tensiona as experiências da biopolítica aos diferentes estilos de racismo orquestrados no interior da estrutura dos primeiros Estados modernos. Por sua vez em *La Volonté de Savoir*Foucault (1977) correlaciona a biopolítica ao dispositivo da sexualidade. Por fim, tanto em *Segurança, Território, População,* quanto em *Nascimento da Biopolítica* Foucault (2011, 2012) trata de pensar a biopolítica como uma prática de gestão econômica das condutas. Justamente por conta dessa pluralidade de efeitos é que a biopolítica deve ser compreendida como uma prática que envolve à gestão da vida nos seus mais variados contextos. Essa perspectiva ilustra a tese de que, o problema da gestão sobre a vida inverte e perverte a lógica do poder soberano que, até o nascimento da modernidade constituía-se pelo enunciado do suplício sobre o corpo, para *fazer viver e deixar morrer* (FOUCAULT, 1977).

Observamos o fundamento dessa nova modalidade de governo que, consiste em operar modelos de gestão sobre a vida marcados pelas práticas de controle que procuram incessantemente modular as condutas seja por meio de dispositivos assépticos de higienização social, seja pelos seus efeitos explosivos e agressivos de extermínio dos socialmente indesejáveis. Dito com outras palavras, a biopolítica apresenta-se como um território performático que aproxima a racionalidade das práticas de governamentalização da vida e a irracionalidade de um Estado cada vez mais prostrado as regras de exceção das vidas indesejáveis aos quais os corpos abjetos são constantemente alvos de sua intervenção mais direta. Nesse sentido, não é exagero nenhum afirmar que a biopolítica faz viver os sujeitos que lhe interessa como também opera o racismo de estado contra os corpos que não lhe interessam. Ela é a grande guardiã dos efeitos neoliberais, dos ajustes fiscais, das regras de flutuação do mercado econômico, da privatização em massa do Estado, ao mesmo tempo em que deixar morrer na miséria *a carne negra* do capitalismo. Loucos, homossexuais, mulheres, bichas, trans, aposentados, desempregados, moradores de rua, enfim, toda uma multidão que é sentenciada pelos seus efeitos mais brutais.

Duplo efeito da biopolítica. Por um lado, prestigiar a modulação das condutas próprias à gestão econômica do mercado e, por outro, promover o terrorismo de Estado contra os mais pobres. Nesse sentido, quando Foucault (2004)evoca a criação de uma crítica a razão de Estado, a faz para assegurar um papel político da atividade intelectual que, consiste em orientar as práticas de resistências diante dos excessos de governamentalização dos quais a biopolítica faz parte. Existe, nesse contexto uma curvatura política e, ao mesmo tempo ética. Conforme aponta Nalli (2011), esse processo corresponde a tarefa, por parte de Foucault, de

produzir o estreitamento em relação a problematização das políticas de normalização da vida próprias a biopolítica, os dispositivos de assujeitamentos aos quais ela está intimamente relacionada, bem como as possíveis fissuras das práticas de insurreição.

No contexto da nossa contemporaneidade observa-se, portanto, a questão da conduta como elemento central da própria prática política. Existe biopolítica em relação a tudo aquilo que deve ser governamentalizado. Essa tese aponta para o fato de que, no interstício dos espaços democráticos os espaços de condutas costumam solapar e, nesses instantes, os padrões de condutas sofrem violentas transformações dentro do seu próprio panorama de aplicabilidade. Como efeito dessa perspectiva, a biopolítica apresenta-se como uma categoria voltada para as correlações entres as estratégias de saber, as práticas de poder e os processos de subjetivação. A ênfase de um processo de regulação neoliberal pelas mãos da biopolítica acaba por suscitar a experiência de uma servidão voluntária que designa um corte preciso entre as práticas de governamentalização da vida. Dito de outro modo, a biopolítica opera como um braço das formas de exceção e de racismo contra as vidas abjetas. Razão pela qual Foucault (2012) insiste na tese de que uma problematização da biopolítica nos horizontes de uma história política da governamentalidade ganha os contornos de uma problematização em torno das possíveis fissuras contra os acossamentos dos dispositivos.

Considerações Finais

Em toda a sua trajetória acadêmica, o interesse por parte de Foucault, sempre foi o de intensificar a investigação em torno dos modos pelos quais podemos resistir aos excessos do poder. A crítica contra excessos constitui, a nosso ver, o panorama de um *ethos* da atividade intelectual, no sentido de buscarmos compreender, como podemos operar as fissuras presentes nos dispositivos. De certa forma, o pensamento foucaultiano nos mostra que, a monstruosidade do poder consiste, no fato de que, sua operatividade circula em torno de diversos aspectos de uma vida ordinária. Nesse sentido, as grandes instituições as quais somos assujeitados desde a emergência da modernidade – as ciências, a polícia, o exército, a escola, a fábrica, etc. – configuram-se como uma perfeita e complexa rede de distribuição de captura das subjetividades.

Por certo, tanto a problematização arqueológica dos saberes, quanto a racionalidade política da razão de Estado configura-se como um dos maiores desafios postos a história do nosso tempo presente. Quem ousaria questionar todos os benefícios provenientes

do iluminismo e da ciência? Contudo, é na capilaridade dessas experiências que podemos encontrar o fervilhar de práticas de sujeição sobre a vida.

Por conta desses aspectos, é que a caixa de ferramentas foucaultiana configura-se como uma arma para situarmos as críticas a todos os aparelhos da captura provenientes das estratégias de saber, das práticas de poder e dos processos de subjetivação. Tanto a arqueologia, quanto à governamentalidade e a biopolítica situam o ensinamento mais precioso do pensamento de Michel Foucault: o fato de que existir, significa, antes de tudo, resistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I.* Belo Horizonte: UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção: Homo Sacer, II, I.* São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *O Que Resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha: Homo SacerIII*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *O Reino e a Glória: uma genealogia teológica da economia e do governo. Homo Sacer, II, 2.* São Paulo: Boitempo, 2011a.

AGAMBEN, Giorgio.*O Sacramento da Linguagem: arqueologia do juramento. Homo Sacer II, 3.* Belo Horizonte: UFMG, 2011b.

AGAMBEN, Giorgio.*Opus Dei: arqueologia do ofício. Homo Sacer, II, 5.* São Paulo: Boitempo, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima Pobreza: regras monásticas e forma de vida. Homo Sacer, IV, 1.* São Paulo: Boitempo, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *O Uso dos Corpos: Homo Sacer, IV,2.* São Paulo: Boitempo, 2017.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. *Trans/Form/Ação*, Marília,29(2),p.65-78,2006.
Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732006000200006&lng=en&nrm=iso>.Acesso:05/08/2019.

CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. NaturezaHumana. 10(2),89-113,2008.
Disponível:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 26/08/2019.

CARMO, Miguel Angel Oliveira. A Ética Diferencial de Michel Foucault: a questão do sujeito e do humanismo. *Polymatheia (Online).* V, 231-247, 2009. Disponível: https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/carmo-a-c3a9tica-diferencial-de-michel-foucault-a-questc3a3o-do-sujeito-e-do-humanismo.pdf. Acesso: 19/08/2019.

CASTELO BRANCO, Guilherme. *Michel Foucault: filosofia e biopolítica.* Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELEUZE, Gilles. *Foucault.* São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. *La Volonté de Savoir*. Paris: Gallimard, 1977.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert. Rabinow, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.* (pp. 231-249). Rio de janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso.* São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Préface.* In: FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits I: Éditionétabliesous la direction de Daniel Defert et François Ewald.* (pp. 187-195). Paris: Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Omneset Singulatim: versune critiqued la raison politique.* In: FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits V.II. Éditionétabliesous la direction de Daniel Defert et François Ewald.* (pp. 953-980). Paris: Gallimard, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População.* São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica.* São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Il FautDéfendre la Societé.* Paris: Gallimard, 2013.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* (pp.143-170). Rio de Janeiro: Graal, 2015.

NALLI, Marcos. A imanência normativa da vida (e da morte)na análise foucaultiana da biopolítica:uma resposta a Roberto Esposito. *O Que Nos Faz Pensar.* 31, 127-152, 2011. Disponível:http://oquenosfazpensar.fil.pucRio.br/import/pdf_articles/OQNFP_31_9_marcos_nalli.pdf. Acesso: 26/08/2019.

SARTRE, Jean Paul. Jean-Paul Sartre Responde. *Sartre Hoje*. São Paulo,Editora Documentos Ltda, 1968.

SENELLART, MICHEL. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. TempoSocial.7, (1-2),p.1-14,1995. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701995000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 26/08/2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e Método em Michel Foucault: (im) possibilidades. *Cadernos de Educação.* 34, 83-94, 2009.